



# A arte na Grécia

Dos povos da Antiguidade, os que apresentaram uma produção cultural mais livre foram os gregos. Eles não se submeteram às imposições de sacerdotes ou de reis autoritários e valorizaram especialmente as ações humanas, na certeza de que o homem era a criatura mais importante do universo. Assim, o conhecimento, através da razão, esteve sempre acima da fé em divindades.

No século XII a.C., o povo grego era formado pelos aqueus, jônios, dórios e eólios. Com o passar do tempo, no entanto, esses povos passaram a ter a mesma cultura. Já por volta do século X a.C., os habitantes da Grécia continental e das ilhas do Mar Egeu que falavam diversos dialetos gregos estavam reunidos em pequenas comunidades distantes umas das outras. Muitas delas transformaram-se em *cidade-Estado*, a *pólis* grega.

No princípio, as comunidades eram muito pobres, mas aos poucos começaram a prosperar. Com a intensificação do comércio, as cidades-Estado entraram em contato com as culturas do Egito e do Oriente Próximo.

As criações artísticas dessas civilizações, com certeza, causaram espanto e admiração nos gregos. Mas, se inicialmente estes imitaram os egípcios, depois criaram sua arquitetura, sua escultura e sua pintura, movidos por concepções muito diferentes das que os egípcios tiveram da vida, da morte e das divindades.

Historicamente o *período arcaico* vai de meados do século VII a.C. até a época das Guerras Pérsicas, no século V a.C. Tem início então o *período clássico*, que vai até o final da Guerra do Peloponeso (século IV a.C.). Nesse período, a ênfase recai sobretudo no século V a.C., chamado século de Péricles, época em que as atividades intelectuais, artísticas e políticas manifestaram o esplendor da cultura helênica.

A arte dos períodos arcaico e clássico

## A evolução da escultura grega

Aproximadamente no final do século VII a.C., os gregos começaram a esculpir, em mármore, grandes figuras de homens. Era evidente, nessas esculturas, a influência do Egito, não só como fonte inspiradora, mas também da própria técnica de esculpir grandes blocos.

Mas enquanto os egípcios procuravam fazer uma figura realista de um homem, o escultor grego acreditava que uma estátua que representasse um homem não deveria ser apenas semelhante a um homem, mas também um objeto belo em si mesmo.

O escultor grego do período arcaico, assim como o escultor egípcio, apreciava a simetria natural do corpo humano. Para deixar clara ao observador essa simetria, o artista esculpia figuras masculinas nuas, eretas, em rigorosa posição frontal e com o peso do corpo igualmente distribuído sobre as duas pernas. Esse tipo de estátua é chamado *kouros*, palavra grega que significa *homem jovem* (fig. 5.1).

Na Grécia, os artistas não estavam submetidos a convenções rígidas, pois as estátuas não tinham uma função religiosa, como no Egito. Em vista disso, a escultura grega pôde evoluir livremente. Assim, o escultor grego começou a não se satisfazer mais com a postura rígida e forçada do *kouros*. A estátua conhecida como *Efebo de Critios* (fig. 5.2),

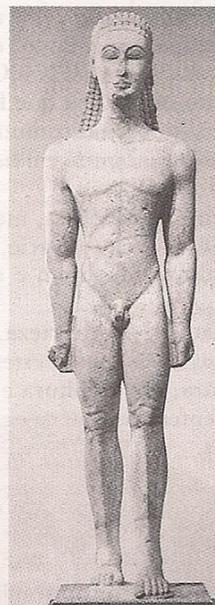


Fig. 5.1. *Kouros* (final do século VII a.C.).  
Altura: 184 cm.  
Metropolitan Museum of Art, Nova York.

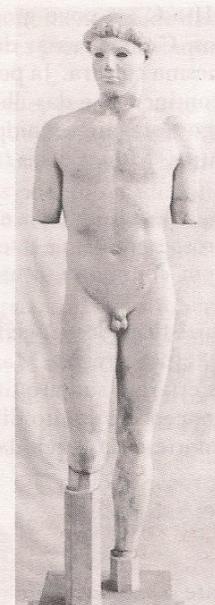


Fig. 5.2. *Efebo de Critios* (cerca de 480 a.C.).  
Altura: 86 cm.  
Museu da Acrópole, Atenas.

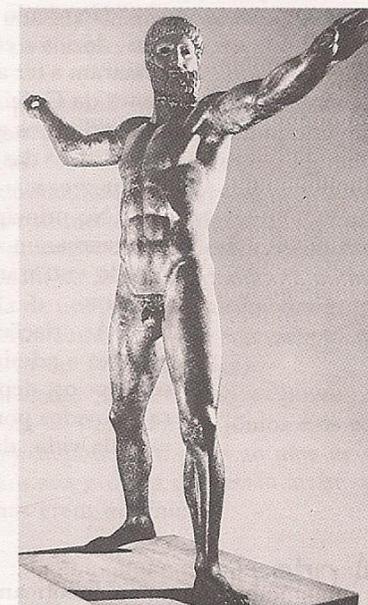


Fig. 5.3. *Zeus de Artemísio* (cerca de 470 a.C.).  
Altura: 209 cm.  
Museu Arqueológico Nacional, Atenas.

# APOSTILA SOBRE ARTE NA GRÉCIA

Prof. Moisaníel - ARTES

Ao terminar devolva esta apostila ao professor.  
Estas questões valerão de zero a dez.

por exemplo, mostra alterações nesse aspecto: em vez de olhar bem para a frente, o modelo tem a cabeça ligeiramente voltada para o lado; em vez de apoiar-se igualmente sobre as duas pernas, o corpo descansa sobre uma delas, que assume uma posição mais afastada em relação ao eixo de simetria, e mantém o quadril desse lado um pouco mais alto.

Nessa procura de superação da rigidez das estátuas, o mármore mostrou-se um material inadequado: era pesado demais e se quebrava sob seu próprio peso, quando determinadas partes do corpo não estavam apoiadas. Os braços estendidos de uma estátua, por exemplo, corriam sério risco de se quebrar.

A solução para esse problema foi trabalhar com um material mais resistente. Começaram então a fazer esculturas em bronze, pois esse metal permitia ao artista criar figuras que expressassem melhor o movimento. O *Zeus de Artemísio* (fig. 5.3) é um exemplo disso. Os braços e as pernas dessa estátua mostram uma atividade vigorosa. Seu tronco, porém, traduz imobilidade.

Fig. 5.4. Cópia romana do *Discóbolo*, de Míron. O original grego data de aproximadamente 450 a.C. Altura: 125 cm. Museo Nazionale delle Terme, Roma.

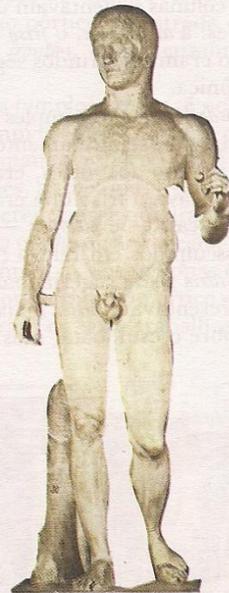
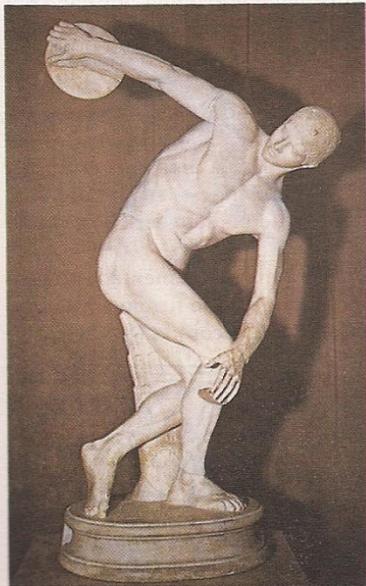


Fig. 5.5. Cópia romana do *Doríforo*, de Policleto. O original grego data de aproximadamente 440 a.C. Altura: 199 cm. Museo Nazionale, Nápoles.

Este problema da imobilidade do tronco ainda persiste na famosa estátua *Discóbolo*, de Míron, feita na mesma época do *Zeus de Artemísio*. Podemos observar na cópia romana em mármore do *Discóbolo* — pois a escultura original em bronze foi perdida —, a oposição que há entre a intensa atividade dos membros e a estrutura estática do tronco (fig. 5.4).

A solução para esse problema foi dada por Policleto. Sua escultura *Doríforo* (lanceiro) mostra um homem caminhando e pronto para dar mais um passo (fig. 5.5). Nesse trabalho — também conhecido através de uma cópia romana em mármore — a figura toda apresenta alternância de membros tensos e relaxados.